

ESSES CRONISTAS DE FUTEBOL E SUAS FÁBULAS MARAVILHOSAS: A COPA DO MUNDO DE 1998 NA GRANDE IMPRENSA BRASILEIRA

*SOCCKER CHRONICLERS AND THEIR WONDERFUL TALES:
THE 1998 WORLD CUP IN THE BRAZILIAN PRESS*

José Carlos Marques

RESUMO: Este ensaio está voltado à leitura dos textos de escritores que colaboraram com os principais jornais do eixo Rio-São Paulo (representados aqui pelos diários *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*) na cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 1998, realizada na França. Esse torneio cristalizou uma tendência crescente do meio impresso brasileiro à época: a convocação de escritores e cronistas dos cadernos de cultura para comentar as partidas do Mundial. Analisamos aqui como as colunas e crônicas desses escritores, permeadas pelas funções metalinguística e poética, enriqueceram as páginas esportivas com relatos, narrativas ou comentários imagéticos, subjetivos e até mesmo ficcionais sobre o futebol, num fenômeno que se contrapôs, assim, à busca do referente e da isenção jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Copa do Mundo de Futebol de 1998; jornalismo brasileiro; literatura.

ABSTRACT: *This paper is focused on the reading of the texts of writers who collaborated with the leading newspapers of the Rio-São Paulo (represented here by the daily O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo and Jornal do Brasil) in coverage Football World Cup 1998, held in France. This tournament crystallized a growing trend from print to the Brazilian season: the convening of writers and chroniclers of notebooks from culture to comment on the matches of the World Cup. Here we analyze how these writers and their chronicles and columns permeated by the poetic and metalinguistic functions, enriched the sports pages with reports, stories or comments imagery, subjective and even fictional about football, a phenomenon that is countered, so the search for the referent and journalistic impartiality.*

KEYWORDS: *World Cup Football 1998; Brazilian journalism, literature.*

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, os jornais de referência brasileiros do eixo Rio-São Paulo (formadores do que se convencionou chamar de “grande imprensa”, representada pelos diários paulistanos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, e os cariocas *O Globo* e *Jornal do Brasil*),¹ recorreram cada vez mais à contratação de

¹ Para facilitar a indicação desses veículos, eles serão referenciados como *Folha* (*Folha de S. Paulo*) *Estadão* (*O Estado de S. Paulo*), *Globo* (*O Globo*) e *JB* (*Jornal do Brasil*).

colunistas e cronistas de diferentes áreas – literatura, política, economia, música, humor etc. – para analisar a participação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de Futebol.

A tendência alcançou sua plenitude no final da década de 1990, quando essas *celebridades* fizeram prevalecer um discurso mais subjetivo, humorístico e ficcional, em contraponto à cobertura pretensamente objetiva e neutra das reportagens esportivas. Até meados da década de 1980, esses jornais destacavam um ou no máximo dois jornalistas para assinar as colunas e crônicas por ocasião das disputas do Brasil nas Copas do Mundo de futebol. A partir da década de 1990, porém, nota-se a presença cada vez maior de colunistas e cronistas, dando origem a um processo muito característico da imprensa esportiva brasileira no final do Século XX e início do XXI.

É nesse período que se cristaliza a insistência de os jornais convocarem escritores e cronistas dos cadernos de cultura para comentar as Copas do Mundo de futebol. Tal iniciativa pode ser entendida basicamente como uma forma de combate do predomínio que as redes de TV alcançaram na transmissão do futebol. Assim, o meio impresso passou a investir na publicação de textos mais subjetivos, oferecendo interpretações e leituras diferentes para os fatos que o leitor já conhecia e que teve a oportunidade de acompanhar anteriormente em outros meios.

Para a Copa de 1998, realizada de 10 de junho a 12 de julho, havia certa euforia em torno da estabilização da nova moeda, o real, e sua paridade cambial com o dólar. Diversos meios de comunicação brasileiros incharam suas equipes de cobertura e, no total, enviaram 600 jornalistas (150 da mídia impressa) à França. As partidas foram transmitidas para o Brasil pelas emissoras Globo, Bandeirantes, Manchete, Record e SBT (canais de sinal aberto), e pela ESPN Brasil e SporTV (canais por assinatura). Essa grandiosidade era refletida também no número de participantes do torneio: pela primeira vez na história havia 32 equipes em disputa – o maior número de seleções em todos os torneios já realizados até então.

O fenômeno de se recorrer a cronistas e colunistas de áreas distintas da editoria de esportes alcançou seu ápice justamente na Copa do Mundo de 1998, quando, juntos, os quatro jornais aqui elencados destacaram um número expressivo de colunistas e cronistas, conforme se pode ver no quadro a seguir:²

2 Os números de colunistas e cronistas na Copa de 1998 não foram alcançados nos Mundiais de Futebol seguintes, disputados em 2006, na Alemanha, e em 2010, na África do Sul.

A GRANDE IMPRENSA EM COPAS DO MUNDO
NÚMERO TOTAL DE COLUNISTAS E CRONISTAS DE 1990 A 2002 (*)

	1990	1994	1998	2002
O ESTADO DE S. PAULO	5	11	8	6
FOLHA DE S. PAULO	1(**)	8	20	15
O GLOBO	8	5	10	11
JORNAL DO BRASIL	4	8	13	6
TOTAL	18	32	51	38

(*) Alguns colunistas e cronistas escreveram para mais de um jornal, durante o mesmo evento.

(**) A Folha de S. Paulo não manteve nenhum colunista fixo em 1990, mas uma coluna diária, na segunda página do caderno sobre a Copa do Mundo, era ocupada a cada dia por personalidades do mundo político, esportivo, artístico e cultural.

Dentre o elenco de cronistas e colunistas destacados para comentar o Mundial de 1998 pelos quatro jornais aqui citados, cabe-nos destacar para este ensaio a presença de 10 escritores que comporão o corpus de análise aqui pretendido. São eles: Artur Xexéo (*JB*), Carlos Heitor Cony (*Folha*), Chico Buarque (*Estadão e Globo*), José Roberto Torero (*Folha*), Luis Fernando Verissimo (*Estadão e JB*), Marilene Felinto (*Folha*), Mario Prata (*Estadão*), Matthew Shirts (*Estadão*), Paulo Coelho (*Folha*) e Roberto Drummond (*JB*). Esses autores realizaram uma escrita que se afastou da referencialidade jornalística e produziram textos com maior pessoalidade. São eles ainda que, ao produzir textos de forma diferenciada dentro do mecanismo ordinário de fabricação do jornal, criaram discursos que contêm aquilo que Roland Barthes chamou de “fruição”, em oposição ao “prazer” do texto:

A linguagem encrática (aquela que se produz e se espalha sob a proteção do poder) é estatutariamente uma linguagem de repetição; todas as instituições oficiais de linguagem são máquinas repisadoras: a escola, o esporte, a publicidade, a obra de massa, a canção, a informação, redizem sempre a mesma estrutura, o mesmo sentido, amiúde as mesmas palavras: o estereótipo é um fato político, a figura principal da ideologia. Em face disso, o Novo é a fruição. (BARTHES, 2002, p. 50)

Procuraremos mostrar como esses profissionais, de forma geral, compuseram relatos que se distanciaram dos acontecimentos, do “efeito do real” midiático e da mera descrição das partidas, e produziram textos nos quais se observava uma marcante subjetividade, uma preocupação com o trabalho da linguagem e, por vezes, os recursos da narrativa literária. Nesse sentido, são esses escritores responsáveis por operar uma “construção social de dois níveis”, expressão utilizada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997) a respeito das competições esportivas

dos tempos de hoje. Para Bourdieu, o atleta e sua performance fazem parte de um espetáculo que é produzido duas vezes: numa primeira instância, pelos agentes esportivos *stricto sensu*, ou seja, todos aqueles indivíduos que estão diretamente envolvidos na realização e condução do jogo (atletas, juízes, treinadores, médicos, organizadores e, de certa maneira, a plateia do estádio); numa segunda instância, há a produção do espetáculo realizada pela mídia – seja pelo discurso radiofônico, televisivo ou jornalístico (e, hoje, pela Internet), seja pela edição de imagens da TV. Nesta segunda instância, trava-se outra disputa, alheia àquela que ocorre no plano esportivo: trata-se da briga pelo furo ou pela audiência, resultado de pressões às vezes maiores do que aquelas com que os atletas se deparam no estádio.

BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A CRÔNICA E A EDITORIA DE ESPORTES

Os autores aqui elencados operaram praticamente o tempo todo a partir do conceito da crônica. Como se sabe, a crônica debruça-se sempre sobre um fato da atualidade, que atende à fugacidade da vida das grandes metrópoles do capitalismo industrial; trata-se de um registro dos instantâneos da modernidade, dos acontecimentos chocantes do cotidiano das grandes cidades, advindos com o processo de urbanização e industrialização. Para o crítico Davi Arrigucci, esse tipo de gênero define uma forma de memória, um meio de representação temporal de fatos passados, ao mesmo tempo em que tece a continuidade do dia-a-dia. Nesse movimento, a crônica adquire espessura de texto literário, “pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história.” (ARRIGUCCI, 1987, p. 53).

Uma opção da crônica, assim, é partir para a prosa de ficção, mantendo ênfase num mundo recriado imaginariamente – daí ela poder se confundir com o conto, com a narrativa satírica ou com a confissão. Arrigucci circunscreve a crônica ao projeto dos modernistas brasileiros, devido à decisiva incorporação, pelo texto escrito, da fala coloquial, que se ajustava perfeitamente à observação dos fatos da vida cotidiana numa forma comunicativa próxima do leitor. O fato de Arrigucci relacionar o desenvolvimento da crônica no Brasil ao projeto modernista torna-se significativo diante da afirmação do cronista Paulo Mendes Campos, que costumava dizer, por volta das décadas de 1950 e 1960, que a imprensa esportiva brasileira teimava em não realizar sua *Semana de Arte Moderna*. A linguagem parnasiana e pretensamente rebuscada que invadia as redações de jornais ainda era muito contaminada pela imaginação fértil dos repórteres e locutores de rádio. É

singular, portanto, que a imprensa esportiva tenha assumido o uso do termo *crônica* em sua acepção medieval, a de crônica histórica de narração de fatos encaixados no tempo, contrariando a definição moderna do termo, assumida no final do século XIX com o incremento da indústria jornalística. Mas a presença daquela “linguagem mais desataviada, flexível e livre”, citada por Arrigucci, faz-se presente nas páginas da imprensa esportiva por meio dos cronistas que começaram a comparecer excepcionalmente nas épocas de Copa do Mundo. E mais do que isso: esses profissionais mostram-se conscientes de que estão produzindo literatura – ou, no mínimo, algo que contraria as regras do discurso informativo midiático.

Essa consciência pode ser enquadrada ainda naquele fenômeno que o filósofo francês Michel Foucault (1992) procurou nomear como “função autor”, ou seja, aquela função que se estabelece pela existência, circulação e funcionamento de alguns discursos no seio de determinado público. O discurso de um escritor, filósofo, jornalista etc. atingirá o status da “função autor” se conseguir ser recebido de maneira especial pelo seu público, alcançando, em determinados lugares, um estatuto que o singulariza. O autor define-se, para Foucault, como um campo de coerência teórica ou conceitual, e mantém uma unidade de escrita que, mesmo nas diferenças que provoca, faz-se entender como evolução de seu ato criador. Alguns autores teriam ainda a particularidade de não ser apenas os criadores de suas obras, mas de formular também a regra de formação de outros textos. Seriam, neste caso, “fundadores de discursividade” e criadores de uma “tipologia dos discursos”.

A citação a seguir de Luis Fernando Verissimo, a respeito do longo espaço entre um dia e outro em que há jogo do Brasil, dá conta desse propósito:

Pensando bem... Nunca, numa Copa, houve tanto tempo para pensar bem. Olho em volta na tribuna de imprensa e vejo o Cony, o Chico Buarque, o Clóvis Rossi, o Xexéo, a Danuza, o Janio de Freitas, mais longe o Mário Prata, e faz sentido. Vieram ocupar os longos espaços entre os jogos. Vieram pensar bem na Copa. Quando o número de participantes aumentar ainda mais e o Brasil só jogar de 15 em 15 dias, a Copa será um grande evento literário apenas interrompido pelo futebol, e produzirá preciosidades. E um dia decidiremos não ir mais aos jogos, pois o futebol atrasa a literatura. (VERISSIMO, *JB*, 19/06/98)

A LITERATURA ENTRA EM CAMPO

Verissimo cita as *celebridades* que estão presentes na cobertura da Copa (a maior parte delas analisada neste estudo) e estabelece uma nova ordem para as coisas: primeiro, a Copa será “um grande evento literário apenas interrompido pelo futebol”; depois, ninguém irá mais aos jogos, “pois o futebol atrasa a literatura”. Poder-

se-ia dizer, restabelecendo outra ordem, que nas páginas dos principais jornais brasileiros, a Copa tem sido um grande evento esportivo, apenas interrompido pela literatura; mas, ao contrário, dificilmente o leitor deixará de ler os cronistas, pois a literatura continuará sempre reconstruindo o futebol – e a própria literatura. A crônica “Meu coração”, em que o mesmo Verissimo estabelece um diálogo com seu próprio coração a propósito da partida Brasil 3 x 2 Dinamarca, é um exemplo singularmente construído dessa relação:

No fim, desculpe a literatura, é tudo entre nós e o nosso coração. Depois do dito e do feito, depois da paixão e da razão, depois da vida das células e da vida social e da vida cívica e das idas e das voltas, e da História e da biografia, e do que os outros fizeram conosco e nós fizemos com os outros, é tudo entre nós e ele. Segundos fora. Nós e ele. A única conversa que vale, a única intimidade que conta.

(...)

– É uma maneira nova de decidir as partidas que acabam empatadas. Há uma prorrogação e quem marcar o primeiro gol, ganha.

Meu coração não quis acreditar.

(VERISSIMO, *JB*, 04/07/98)

O tom confessional do texto se inicia pela afirmação de que tudo é “entre nós e nosso coração” e prossegue no estabelecimento de um diálogo que, gradativamente, vai instaurando na linguagem (por meio das frases curtas, das interrogações, dos verbos no imperativo) a dramaticidade da própria partida. E, aqui, não dá para negar o uso da função poética (JAKOBSON, 1969) na construção do relato (“Vê-se que a função poética consiste em reforçar o engastamento do enunciado nas condições absolutamente singulares da enunciação”, conforme atesta BOUGNOUX, 1999, p. 93). Os exemplos que há de criações literárias nos textos esportivos sobre a Copa de 1998 são extensos, e cito a seguir alguns dos mais expressivos. O primeiro refere-se a “Os melhores momentos”, de Chico Buarque:

Na noite de sexta-feira despiu a camisa para o exercício de torcer contra o Brasil, e era exatamente como se tivesse uma adaga enfiada entre as costelas. Porque a cada arrancada da seleção, sorria sem querer com o corpo inteiro, e se doía todo. (...) Mas quando Rivaldo marcou o terceiro gol, saltou contra a vontade, deu um murro no teto, uivou, caiu prostrado na cama e pensou em Naná. Respirou fundo. Tomou um banho no fim do corredor e vestiu o terno xadrez. Saiu em direção a Pigalle, entrou numa boate chamada Les Chiens, pediu uma garrafa de champanhe em balde de gelo e convidou a garçonete para um brinde. Superpintada, voz grave e sensual, peitos grandes, a saia que era um lenço, quando cruzou as pernas parecia a atriz americana, exceto pelos joelhos que eram de jogador de futebol. Entornou três garrafas, deixou a espelunca chutando o balde, rodou pela cidade, voltou ao hotel dia claro. (BUARQUE, *Estadão*, 05/07/98)

O texto relata as desventuras de um torcedor que viaja à França para acompanhar os jogos do Brasil, mas, como não dispõe de muito dinheiro, assiste a todos

os jogos no quarto do hotel. A gradação da narrativa aponta para uma paulatina degradação do personagem, que se sente traído pela mulher (“Tão logo terminou o jogo ligou para Naná, mas caiu na secretária eletrônica.” (BUARQUE, *Estadão*, 05/07/98)) e acaba se entregando à bebida (“Entornou três garrafas, deixou a esplanca chutando o balde, rodou pela cidade, voltou ao hotel dia claro.” (BUARQUE, *Estadão*, 05/07/98)). O texto cumpre assim um ciclo: o torcedor começa hospedando-se no “Hotel Fraternité” e termina com a frase “Saiu batendo a porta do Hotel Fraternité” (BUARQUE, *Estadão*, 05/07/98).

O recurso de ilustrar ou representar as desventuras dos torcedores brasileiros na Copa de 1998 serviu de mote também para outros cronistas, especialmente Mario Prata e Matthew Shirts. No texto “Ele, o torcedor”, Prata cria um cenário semelhante ao descrito por Chico Buarque e narra o ritual de preparação de um homem que se arruma no quarto de hotel para sair, provavelmente, em direção ao estádio em que o Brasil disputará algum jogo:

PARIS – Ele, ainda nu, ajoelha-se como se estivesse diante do altar de Deus e estende a bandeira no chão do quarto. De joelhos, estica, alisa, idolatra. Conta as estrelas no azul dos nossos rios. (...)

No chuveiro, cantarola feliz. Olêêê-olêolêolááá, Brasil! Faz a barba com carinho, cigarrinho do lado. Com apuro, passando as lâminas uma segunda vez a contrapêlo. Com açúcar e com afeto, capricha no desodorante porque hoje vai ser dia de suar a camisa, vai ser uma luta. (...)

É hoje. Carteira, passaporte, tiquete do metrô. Domina o metrô de Paris. Onde é que está o ingresso? (...)

Ele é o Brasil, ele é todos nós. Passeia pelo quarto ociosamente. Vagueia, perambula, vagabundeia. Cantarola o final do hino, pátria amaaada, Brasil! Zil-zil-zil! E sai. (PRATA, *Estadão*, 18/06/98).

As hipérboles do texto reproduzem, no plano da expressão, a condição barroca e o improvisado ligados à festa brasileira, que procura subverter as normas vigentes para se manter em funcionamento um aparelho de televisão, ligado clandestinamente na rede elétrica da cidade. Matthew Shirts encarna, em primeira pessoa, a própria figura do torcedor e narra sua aventura junto a uma funcionária de uma loja de cosméticos:

Fui direto ao ponto, num francês capaz de dar arrepios na nuca do Proust:

– *Est-ce que vous avez de bâton vert?*

– *Vert?* – retrucaram em coro.

– *Oui, vert* – disse eu, já um pouco inseguro com a minha pronúncia e apontando para a bandeira do Brasil.

– *Non, monsieur, pas de vert.*

A esta altura já percebiam que eu estava levando a questão a sério.

– *Et alors, il y a de... amarelo?*

Não entenderam nada. Parece que amarelo não é amarelo em francês. (SHIRTS, *Estadão*, 25/06/98)

Aqui, vemos como a brincadeira com o código mescla-se à ironia que o autor projeta sobre si mesmo (“num francês capaz de dar arrepios na nuca do Proust”) e que se instaura pela dificuldade em se fazer entender num idioma estrangeiro. Essa subjetividade, esse uso da função emotiva aponta ainda para um certo prosaísmo muito comum da crônica, que se perfaz quase sempre nas coisas miúdas do dia-a-dia, como na lembrança daquilo que está inserido no cotidiano do cronista (“a padaria perto de casa”, a “Vila Madalena” “fisgada no coração”), que Shirts retrata em seu texto inaugural para a Copa de 1998:

Estou a caminho da Copa do Mundo em Paris, contente com a oportunidade de conhecer a capital do século 19 ver e assistir aos jogos do Brasil “no estádio”, como se diz. Mas confesso que senti uma fisgada no coração – uma vontade de ficar na Vila Madalena mesmo – ao passar pela padaria aqui perto de casa e encontrar um quarteirão inteiro enfeitado com bandeirinhas verde-amarelas. E me ocorreu, naquele momento, que uma grande festa popular, regada a chope, cerveja e batucada e decorada por todos os cantos com a expressão positivista “Ordem e Progresso” só é possível mesmo neste País. (SHIRTS, *Estadão*, 09/06/98)

Já Artur Xexéo estabelece uma sequência folhetinesca que recria certa história contada por um colega de jornal. No texto “O casaco encantado”, o leitor fica a par do caso de um jornalista brasileiro que havia viajado à França para acompanhar a Copa do Mundo e que solicita a sua mulher, no Brasil, que lhe enviasse um casaco por meio de um colega de profissão que viajaria a Paris em breve. No entanto, criam-se diversas peripécias que fazem com que o casaco nunca chegue às mãos de seu dono, o que serve de mote para que o autor reutilize constantemente a imagem do casaco para representar uma espécie de amuleto de azar:

Sem querer ser muito otimista, um holandês foi visto aqui em Marselha usando o casaco encantado. (XEXÉO, *JB*, 07/07/98)

Há quem garanta que, logo depois do jogo, um holandês estava leiloando o casaco encantado. A disputa pelo maior lance estava entre um croata e um francês. (XEXÉO, *JB*, 08/07/98)

Um torcedor francês foi visto na saída do metrô Saint Sulpice segurando uma bandeirinha de seu país na mão direita e uma corneta na esquerda. Gritava “allez, allez les bleus”. Vestia o casaco encantado. (XEXÉO, *JB*, 10/07/98)

Ao recuperar a história do “casaco encantado”, o cronista se utiliza das técnicas do folhetim (intratextualidade e autocitação) e, por meio do subentendido,

procura vaticinar a derrota dos futuros adversários do Brasil, ao encarná-los nas figuras dos respectivos torcedores desses países. Esse recurso é singularmente utilizado por Carlos Heitor Cony, que recupera não apenas o que foi dito antes, mas anuncia ainda aquilo de que vai tratar no dia seguinte:

Ontem mesmo, mostrando que sou mau profeta e lastimável analista dos fatos humanos, entre os quais incluo o futebol, lembrei que o segundo compromisso do Brasil nas Copas do Mundo é sempre problemático. Ledo e ivo engano! Passamos por Marrocos sem dificuldade, mas sem brilho. (...) Mas desconfio que estou sendo óbvio ao reclamar do meio-campo e da defesa. Amanhã, Deus ajudando, explicarei por quê. (CONY, *Folha*, 17/06/98)

Em outra dimensão, ainda que não se referisse exatamente à figura do torcedor, Luis Fernando Verissimo oferece uma descrição de Marselha e da partida semifinal entre Brasil e Holanda caracterizada por intenso lirismo:

MARSELHA – Faltam dez para a meia-noite. Só há pouco o céu de Marselha ficou completamente escuro. O sol se põe tarde no verão da Europa. Agora, aqui da tribuna de imprensa do estádio que se esvazia lentamente, não se vê mais as montanhas que cercam a cidade. As montanhas que Marcel Pagnol dizia que absorviam o sol do Mediterrâneo e brilhavam no escuro. Não brilham. Já aconteceu muita coisa em Marselha, mas algumas devem ser creditadas apenas à literatura. Ou a essa forma particularmente criativa de ficção que são as lembranças afetivas e os mitos de um lugar. (...)

Desconfio que daqui a alguns anos Brasil e Holanda será contado com a mesma liberdade poética que os marselhenses dedicam à sua História, ou às suas histórias. Mas será difícil que a literatura supere a realidade. (VERISSIMO, *JB*, 08/07/98)

O lirismo estabelece-se pela fala do locutor consigo mesmo, numa espécie de ocultamento do auditório em relação ao poeta (FRYE, *s/d*, p. 247) e por meio de uma sensação que se encerra no presente: fundem-se o mundo e o eu do poeta na agitação de um estado de espírito que representa um desabafo íntimo. Em uma só frase, o processo lírico realiza a interiorização dentro da excitação (KAYSER, 1976, p. 364). Aqui, o tom íntimo do relato debruça-se nas referências históricas e literárias (Marcel Pagnol) que cercam a cidade e volta-se por meio das reminiscências do emissor (“as lembranças afetivas e os mitos de um lugar”). E, quando confessa que será difícil a literatura superar a realidade do jogo, Verissimo redescobre-se no próprio jogo literário que já havia anunciado (a Copa seria um grande evento literário em meio ao futebol), mas que negara em seguida (“o futebol atrasa a literatura”). Além disso, ao definir o caráter de seu próprio texto por meio desse lirismo, Verissimo investe diretamente no sentido de figurativizar o discurso, instaurando o espaço da ficção, da literariedade da linguagem.

Esse mesmo lirismo capaz de “fazer as palavras banais alçarem voo” pode igualmente ser visto neste trecho de Cony, em que o cronista se aproveita de um acontecimento particular para ilustrar a apatia do Brasil na partida em que a equipe foi derrotada pela seleção da Noruega. Narra-se aqui um episódio protagonizado por um primo, mas a veracidade do episódio não interessa ao leitor, e sim a construção ficcional que ele proporciona no conjunto do texto:

Lembro um episódio pessoal, ali pelos anos mais antigos do passado. Fui com um primo assistir a um Fla x Flu no estádio da Lagoa. Estávamos na arquibancada, o jogo meio murrinha, de repente olhei para o lado e o primo havia desaparecido. Como havia dado carona para ele, depois da partida fui procurá-lo, rodei o estádio várias vezes. Fui encontrá-lo do lado de fora, sem sapatos, bainha da calça arregaçada até o joelho, jogando uma pelada com os moradores da favela do Pinto, que então ficava ao lado. Perguntei por que fizera aquilo. Resposta dele: “Eu gosto de futebol”. (CONY, *Folha*, 25/06/98)

Trata-se, no fundo, do mesmo tratamento que Chico Buarque dedica ao ex-jogador Formiga, por meio da recuperação de uma brincadeira comum entre os meninos (o jogo de botão), representada agora pelo cronista na construção de seu texto:

Certa vez fui apresentado a um antigo centromédio do Santos, o Formiga. Depois de um breve diálogo, o assunto esgotado, sem saber por que continuei a encará-lo. O silêncio se prolongava, incômodo, e ainda encasquetei de colocar a mão no ombro do Formiga. Com o polegar, comecei a pressionar de leve a sua clavícula, e me lembro que ele ficou um pouco vermelho. Então me dei conta de que, pela primeira vez na vida, conversava pessoalmente com um botão. Formiga tinha sido um dos meus melhores botões, apesar de meio oval, um botão de galalite, vermelho. (BUARQUE, *Estadão*, 14/06/98).

Mais uma vez, pouco importa ao leitor se Chico Buarque jogava futebol de botão ou se havia pressionado de fato a clavícula do jogador Formiga. Importa que tal fato apenas se realiza por meio da construção literária da crônica. Torna-se irrelevante assim saber se o autor colocou o dedo no ombro do jogador Formiga. É igualmente irrelevante saber se houve o encontro entre eles. Do mesmo modo, Torero, novamente por meio da analogia, também inscreve a literariedade em seu texto, ao imaginar o jogo Brasil x Holanda como se fosse uma luta, na qual os combatentes são solenemente apresentados antes do início da disputa:

Se você gosta de boxe, já deve ter assistido a umas dez lutas do século só nos últimos seis meses. Pois bem, se eu tivesse que definir o Brasil x Holanda de hoje, eu o chamaria de “luta do século”. (...)

E já que a comparação é possível, não vejo porque não falar do jogo de hoje como se ele fosse parte do programa da velha da Forja de Campeões:

Apresentador: “Senhoras e senhores, deste lado, calção azul, pesando 120 kg, 1,90 m, quatro títulos mundiais, atual detentor do cinturão de ouro: o Brasil!” (...)

Apresentador: “E deste lado, calção laranja, pesando 110 kg, 1,80m, dois vice-campeonatos mundiais: Holanda”. (TORERO, *Folha*, 07/07/98).

O que nos chama a atenção nestes exemplos até aqui analisados é que a função imediata do discurso jornalístico (*informar*) dá lugar ao estabelecimento de uma comunicação que se compraz no contato lúdico com o leitor. A informação supõe em geral a comunicação, mas a comunicação nem sempre conduz à informação. É o que ocorre mais uma vez em Cony, que, por meio de um jogo de citações literárias (Irmãos Grimm, Perrault, bruxas, contos de fadas, feiticeiro), inscreve o futebol no mundo da ficção, superando o mero aspecto da informação midiática que o jornal procura praticar:

A imprensa parisiense não esconde sua preferência por uma final entre Brasil e França. A Fifa também deve pensar numa final feérica, com o favorito contra a anfitriã – numa espécie de conto de fada de Perrault, quando, depois de muitas dificuldades, a bela princesa e o jovem príncipe se encontram e ficam felizes para sempre. A hipótese à Perrault ainda não está descartada. Mas há uma bruxa solta no espaço, montada em sua vassoura voadora e cheia de mandingas eficientes para atrapalhar qualquer final feliz. Não por acaso essa bruxa, que atende pelo nome de Croácia, nunca participou de uma Copa. Tal como as bruxas dos contos infantis, ela tem um passado confuso. Tinha outro nome e outra condição, até que um feiticeiro internacional a transformou em bruxa mesmo. Nem foi a toa que essa bruxa à Perrault despachou para casa a Alemanha, habituada aos nem sempre suaves contos de Grimm. (CONY, *Folha*, 07/07/98)

Essa prática de referências literárias contamina inclusive o jornalista esportivo Alberto Helena Jr., ligado à categoria dos *entendidos*, mas que, à semelhança do que já fizera na Copa de 1994, consegue introduzir o *tempero* literário em seu texto. A referência que ele estabelece para explicar o problema sofrido pelo jogador Ronaldo Fenômeno na decisão do Mundial diante da França condensa ao mesmo tempo a sutileza do provérbio francês com as suspeitas de infidelidade conjugal que pairavam sobre a namorada do jogador: “Para esse enigma Ronaldinho, o mais sábio é recorrer à velha máxima francesa: *cherchez la femme*.” (HELENA JR., *Folha*, 15/07/98). E mesmo quando o próprio autor não se refere a seu texto como crônica, mas sim como coluna (variante de texto em que não se espera tanto a literariedade ou o “voo das palavras”), pode-se verificar como a informação está frequentemente contaminada pela ironia, pelas citações e subentendidos, que não cansam de acusar os personagens presentes no texto (Ronaldinho, Roberto Carlos, Leonardo, Guilherme Araújo, Ricardo Teixeira e Gilberto Gil).

PARIS – Foram 64 jogos, 33 dias de competição, 169 gols e... 36 colunas. Cada um contabiliza a Copa do Mundo a sua maneira. Houve quem passasse toda a competição contando quantos cruzamentos errados o Roberto Carlos fez, quantas sonecas o Ronaldinho tirou durante os jogos, quantos passes errados saíram dos pés de Leonardo. Eu conto as colunas. Foram 36. Pode-se ainda mensurar uma Copa do Mundo pelo número de festas a que foi Guilherme Araújo, pelo número de jantares que Ricardo Teixeira fez na Coupole, pelo número de shows que Gilberto Gil realizou. A minha Copa do Mundo durou 36 colunas. (XEXÉO, *JB*, 13/07/98).

Diante de um leque de cronistas tão diversificado e numeroso, era natural que o Mundial da França, em 1998, também motivasse o aparecimento de textos em que o futebol passa ao longe do tema central tratado na crônica. A primeira crônica de Marilene Felinto sobre o evento serve exatamente para que ela instale uma referência literária (Eça de Queiroz) e para realizar, mais uma vez, a negação da importância do espetáculo esportivo:

Fiquei preguiçando na cama, relendo um romance de Eça de Queiroz – eu simplesmente não consigo dar importância a futebol. Meu pai nunca deu. Nunca assistiu, nunca jogou, nunca discutiu futebol. Os homens da minha infância – pobres, brutos, mas estudiosos – sempre se ocuparam de outras coisas. Tinham pretensões aos altos postos da Aeronáutica, da Marinha. (FELINTO, *Folha*, 02/06/98)

O futebol é mais uma vez negado até pela relação que poderia estabelecer-se entre os homens “pobres e brutos”, que normalmente seriam circunscritos ao universo belicoso do jogo. Mas estes são qualificados como estudiosos, e preferiram acomodar-se em pretensões maiores, como alcançar os “altos postos” da carreira militar. Esse processo de relativização da importância do futebol na fala da autora reproduz-se ainda sob outras variantes, mesmo num dia em que não havia nenhuma partida programada na Copa. Assim, a aparente melancolia que se pode sentir num domingo nublado e chuvoso em Paris contrasta com a alegria do jogo, conforme se vê no trecho a seguir:

Um dia de domingo nublado em Paris, chovendo, meio frio, é mais desolador do que qualquer dia nublado, em casa, no Brasil. A não ser que se tenha alguma religião, a católica, a protestante ou o futebol – ou, a não ser que se esteja vivendo uma paixão em Paris –, um domingo nublado aqui dá uma sensação de vazio e hostilidade nos ateus e indiferentes à bola e ao amor. Não bastasse a intolerância e a hostilidade natural da gente do futebol contra quem não pertence a esse mundo, Paris tem muitas igrejas maravilhosas, um convite aos crentes da missa dominical. (FELINTO, *Folha*, 06/07/98)

Se em Felinto vislumbra-se um tom niilista, de negação radical da vida mediada pela religião ou pelos fanatismos esportivos (“sensação de vazio e hostilidade nos ateus e indiferentes à bola e ao amor”), o tédio que se sente pela excessiva

duração do evento também havia sido retratado por João Ubaldo Ribeiro em 1994. Entretanto, em vez de se fazer a negação das crenças alheias, aqui o cronista invoca suas referências pessoais (pastelaria Rio-Lisboa, Bar Bracarense, o chão de todos os dias) e relacionadas à terra natal (menear de nossas moças). É como se ele reafirmasse que sente saudades das palmeiras e do sabiá, como na “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias:

Posso sobreviver e batalhar, neste lugar de paisagem árida e pálida, onde tudo fica a cem quilômetros de distância? (...) Posso sobreviver à falta que faz o menear de nossas moças, à falta de barulheira, à falta da pastelaria Rio-Lisboa, à falta do Talho Capixaba, à falta do Bracarense, à falta do chão que percorro todos os dias, de bermudas e chinelos de dedo? Não posso, eis a cruel verdade. (RIBEIRO, *O Globo*, 03/07/94)

Apoiando-se sempre na expressão do humor, Mario Prata é também o cronista que utiliza com maior intensidade o recurso de fugir ao futebol e instaurar outros temas inesperados em seus textos. Já notamos anteriormente como se dá a aparição cômica de um policial no caso do “sequestrador espanhol”, crônica em que se comenta o sequestro frustrado num voo Sevilha-Barcelona e em que o futebol não comparece em momento algum. O mesmo se dá na crônica em que Prata descobre ser vizinho de quarto de Tereza Collor, ex-mulher de Pedro Collor (irmão do ex-presidente brasileiro Fernando Collor de Mello, eleito em 1989):

PARIS – Sabe o que a Tereza Collor jantou ontem? *Filet de boeuf grillé, sauce béarnaise*. Trocando em miúdos: o nosso velho, bom e manjado (mangê?) filé com fritas. Vinho francês? Não, duas cocas. E não eram diet, não. Sobremesa? *Sorbets avec parfum de votre choix*. Sorvete mesmo e ela escolheu de chocolate. Se você fizer questão, posso dizer até mesmo como foi o almoço e o café da manhã deste domingo. (...) *A periclitante proximidade, a avassaladora beleza e a pasmante simpatia dessa guapíssima* Gabriela do interior das Alagoas fazem com que eu dedique alguns minutos do meu dia a pensar nela. Afinal, estamos no mesmo barco e já temos algo em comum: a Copa. (...) Impossível, para ela, ir à Torre Eiffel, que se curvaria com o peso dos olhares verde-amarelos. O Arco do Triunfo abriria suas portas para a sua passagem e a Bastilha (que já foi um castelo-prisão, como o quarto dela aqui no hotel) só não ruiria porque já houve a queda em 1789. (PRATA, *Estadão*, 06/07/98 (os grifos são meus)

A função fática do texto (“Sabe o que a Tereza Collor jantou ontem?”) serve para aproximar o leitor desse personagem central (a tal da “periclitante proximidade” que também aproxima o autor). E o excesso de adjetivos mais as hipérboles de exaltação de Tereza, citando-se sítios históricos de Paris que se curvavam à beleza da mulher, provoca o riso e quebra a linearidade de leitura do leitor comum: onde está o futebol nessa crônica, publicada numa página esportiva? A resposta também é dada no texto (“Afinal, estamos no mesmo barco e já temos algo em

comum: a Copa”), o que contraria mais uma vez a afirmação central de Veríssimo discutida inicialmente neste tópico (a de que o futebol atrapalha a literatura).

Esse *não falar* sobre o futebol estende-se a tal ponto que Artur Xexéo sente-se à vontade para falar até o que não teria lugar numa página de esportes, como as notícias do *showbusiness* cinematográfico (o que servirá também, dias depois, para que ele publique mais uma de suas ‘erratas’ – como vimos há pouco –, por ter fornecido ao leitor uma informação incorreta):

Não será surpresa para esta coluna se Johnny Depp for a estrela do próximo filme de Roman Polanski. Que tal? Um furo internacional? Uma boa estréia no colunismo social? Afinal, que outro assunto poderia reunir na mesma mesa o astro do cinema americano – uma espécie de Leonardo Di Caprio de cinco anos atrás – e o diretor polonês? Pois os dois estavam na mesma mesa, sábado à noite, no bar-restaurant do Hotel Coste. Como é que o colunista sabe? Vamos aos fatos. (XEXÉO, *JB*, 22/06/98)

Em outra oportunidade, o mesmo Xexéo narra um episódio ocorrido com o produtor musical Guilherme Araújo, a respeito de um contratempo numa loja da empresa aérea brasileira Varig, em Paris. A ironia do texto é declarada e, de maneira metalinguística, oferece ao leitor um caso que não está relacionado diretamente com o futebol.

E o caso está assim. Talvez não dê em nada. A Varig não quer briga, Guilherme não quer briga, mas é um bom assunto para se discutir na Copa do Mundo em dia que não acontece um jogo sequer. Se o leitor não gostar, a gente pode analisar o joelho do Ronaldinho. (XEXÉO, *JB*, 02/07/98)

Para encerrar o rol das crônicas que esquecem por uns tempos o futebol (algo que não se vê nos textos dos colunistas esportivos *stricto sensu*, isto é, os chamados *entendidos*), julgo pertinente apresentar o seguinte trecho de Carlos Heitor Cony:

Nunca no mundo se reunira multidão igual. Quando Cristo morreu no alto da cruz, além de Maria e do discípulo mais amado, havia quando muito uns trinta gatos pingados em volta. Quando César foi apunhalado no Senado, eram uns 10 ou 12 os comprometidos naquele idos de março. Quando Dom Pedro 1º proclamou a nossa independência, além dos soldados que o acompanhavam, e dos mensageiros, que traziam notícias da corte, havia um carro de boi conduzido por um carreteiro abobalhado que não sabia o que estava se passando (segundo a versão de Pedro Américo). (CONY, *Folha*, 28/06/98)

Neste caso, a Copa de 1998 passa a ser assunto periférico, já que o cronista se refere à final da Copa de 1950, no Maracanã, para comparar o público de um e outro acontecimento histórico. Trata-se ainda de um texto atemporal (poderia figurar em outras ocasiões), em que se recuperam episódios conhecidos do leitor

médio, que no entanto se depara com o pressuposto que instala igualmente o riso (o célebre quadro de Pedro Américo sobre a independência do Brasil serve como construção do próprio fato, da mesma forma como o jornal se quer mediador da realidade instantânea do dia-a-dia).

Vemos assim que, à semelhança do percurso realizado pela crônica literária, a crônica sobre o futebol nas Copas do Mundo não obriga os autores a falar apenas de futebol. E, contrariando o percurso do romance realista, a crônica – derivada do folhetim – aclimatou-se confortavelmente no Brasil. Não ocorreu com ela o mesmo fenômeno, descrito com argúcia pelo crítico Roberto Schwarz (1981), que se deu com o romance brasileiro do século XIX: “No Brasil, as idéias estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu” (SCHWARZ, 1981, p. 21), em virtude das relações de produção e parasitismo no país, a dependência econômica e a hegemonia intelectual da Europa revolucionada pelo Capital. No que diz respeito ao romance, a imaginação de nossos literatos e de nosso público fixara-se numa forma de expressão cujos pressupostos, em razoável parte, não se encontravam no país, ou encontravam-se alterados. Desse modo, adotar o romance era acatar igualmente a sua maneira de tratar as ideologias. Machado de Assis reiterou esse deslocamento em nível formal, ajustando-o à complexidade objetiva de sua matéria.

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa, para usá-las. Mas só alcança uma ressonância profunda e afinada caso lhes sinta, registre e desdobre – ou evite – o descentramento e a desafinação. (SCHWARZ, 1981, p. 24)

Os cronistas brasileiros, nas últimas Copas do Mundo, operam esse descentramento e desafinação até as últimas consequências, gerando uma reversão das perspectivas e das expectativas do leitor. O tom dissidente e subversivo desses textos, por conta da turbulência e do atrito, situa-nos dentro da lógica que recusa o discurso canônico da imprensa escrita. Ou como diz Roland Barthes, referindo-se ao choque da leitura que causa o prazer e que redistribui a linguagem:

O prazer da leitura vem evidentemente de certas rupturas (ou de certas colisões): códigos antipáticos (o nobre e o trivial, por exemplo) entram em contato; neologismos pomposos e derrisórios são criados; mensagens pornográficas vêm moldar-se em frases tão puras que poderiam ser tomadas por exemplos de gramática. Como diz a teoria do texto: a linguagem é redistribuída. (BARTHES, 2002, p. 11)

Se, por um lado, a orientação empresarial dos grandes conglomerados empresariais de comunicação aponta para a produção de um “jornalismo crítico, apartidário, moderno e pluralista”, temos, por outro lado, que o jornalismo deixa de ser um

trabalho artesanal, para transformar-se em atividade industrial, quase em forma de linha de montagem. O contraponto a essa *industrialização* do jornal é o que explica, em parte, o fato de a crônica enquanto gênero ter conseguido atingir uma grande parcela de público no Brasil, tornando-se o maior atrativo dos jornais desde o século XIX:

O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, permitia a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria. (SODRÉ, 1966, p. 279)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que acontece com o editorial dos jornais, a crônica se utiliza de expressões e formas coloquiais, procurando aproximar-se ao máximo do leitor por meio de uma conversa mais descompromissada e desafeita da seriedade que circunda a vida ordinária. A primazia de poder eleger temas e ângulos de discussão é levada às últimas consequências pelos colunistas e cronistas, os quais acabam assumindo, mais do que meros repórteres ou redatores, a imagem dos depositários da sabedoria milenar. Colunas e crônicas representam, assim, uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões. O recurso utilizado pelos jornais de chamar profissionais de outras editorias para comentar as Copas do Mundo tem o intuito justamente de oferecer uma outra visão sobre o futebol – diferentemente das ideias comuns presentes nas análises dos jornalistas esportivos.

A presença dos escritores a comentar a Copa do Mundo de 1998 reforçou a tentativa de superação daquilo que Mikhail Bakhtin (1992) chamou de “abstração dos aspectos expressivos” no jornalismo impresso atual, em que a subjetividade do locutor é mascarada ao extremo por meio de um estilo “objetivo-neutro”. Esse estilo pressupõe uma espécie de identificação entre o destinatário e o locutor que se manifesta à custa de uma recusa de expressividade. Vemos, dessa maneira, como os cronistas não escondem sua parcialidade enquanto enunciadores do jornalismo impresso e assumem sem problemas suas preferências em prol da seleção brasileira. Não há “implicitude” em suas manifestações: tudo é declarado, o jogo é franco e aberto, numa dimensão que os folcloriza pela construção das imagens e hipérboles. A exibição explícita de uma subjetividade que não se quer mascarar

faz com que o objetivo se curve diante da emotividade, presente numa linguagem coloquial, ainda que ricamente trabalhada. Essa postura indica a recusa da neutralidade que a análise jornalística pretende impor aos leitores. Os profissionais que se vangloriam de ser isentos ou imparciais estão apenas assumindo uma máscara que falseia seu próprio ofício.

A leitura de seus textos permitiu o estabelecimento de “tipos relativamente estáveis de enunciados” que são comuns aos jornais aqui analisados e que caracterizam o discurso desses profissionais que invadem as páginas dos cadernos esportivos em época de Copa do Mundo. Tais recursos discursivos relacionam-se com o predomínio da subjetividade e do uso da função metalinguística; com o emprego do humor, da ironia e de jogos com o código que provocam o riso; com a presença de intertextos e pressupostos que obrigam o leitor a familiarizar-se prontamente com o universo da crônica; com a afirmação da *brasilidade*, em detrimento dos adversários estrangeiros; com o manejo da linguagem na reconstrução literária dos fatos narrados; e com a discussão sobre a influência da TV como mediadora do evento.

Característica igualmente notável desse fenômeno é verificar como a crônica acaba por ser um veículo de reintrodução, nas páginas da mídia escrita brasileira, da “função autor” de que trata Foucault. Nesse sentido, os cronistas e colunistas de futebol perpetuaram a singularidade do gênero, reatualizando-o e reconstruindo-o em outra esfera. Contrariando as várias definições de que a crônica, por ser efêmera, tem sua duração circunscrita ao tempo do jornal, os textos aqui analisados mantêm-se firmes e atuais mesmo com o passar dos anos.

No jornalismo esportivo brasileiro, enfim, esses “pensadores do cotidiano e da vida imediata” foram os principais responsáveis por manter o futebol ao rés-do-chão, isto é, ao nível de leitores e torcedores, à medida que se ajustam à sensibilidade do cotidiano por meio de uma linguagem própria do dia-a-dia. Ao mesmo tempo, foram os responsáveis por enriquecer o discurso da imprensa por meio de relatos em que se destaca o trabalho de construção literária e que superam as ortodoxias ditadas pelo próprio texto jornalístico. Em 1998, o número alargado desses profissionais provocou uma riqueza e uma diversidade de olhares sobre a Copa do Mundo, algo que não se repetiu com a mesma intensidade nas Copas seguintes devido a limitações orçamentárias dos veículos impressos. E, na criação dessas palavras sobre o jogo, os cronistas fizeram prevalecer o divertido jogo com as palavras, reproduzindo nas páginas dos jornais a festa e a magia que a seleção brasileira cumpre ao longo das Copas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão* (seguido de *A influência do jornalismo* e *Os Jogos Olímpicos*). Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura de Fraga A. Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *O que é um autor?* Trad. A.F. Cascais e E. Cordeiro. 3. ed. Lisboa: Vega Passagens, 1992.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles E.S. Ramos. São Paulo: Cultrix, s/d.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. I. Blikstein e J.P. Paes. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação a obra literária*. 6. ed. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: Arménio Amado, 1976.
- SCHWARZ, Roberto. A importação do romance e suas contradições em Alencar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981, p. 29-62.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CRÔNICAS CITADAS

- BUARQUE, Chico. Com meus botões. *Estadão*, 14/06/1998.
- _____. Os melhores momentos. *Estadão*, 05/07/1998.
- CONY, Carlos Heitor. Feijão com arroz. *Folha de S. Paulo*, 17/06/1998.
- _____. A bolsa e a bola. *Folha de S. Paulo*, 25/06/1998.
- _____. A força do destino. *Folha de S. Paulo*, 28/06/1998.
- _____. Contos infantis. *Folha de S. Paulo*, 07/07/1998.
- FELINTO, Marilene. Em campo, bem no primeiro dia de menstruação. *Folha de S. Paulo*, 02/06/1998.
- _____. Sinal-da-cruz, gol, amém. *Folha de S. Paulo*, 06/07/1998.
- PRATA, Mário. Ele, o torcedor. *Estadão*, 18/06/1998.
- _____. Tereza do 89. *Estadão*, 06/07/1998.
- RIBEIRO, João Ubaldo. Sábado em San José. *O Globo*, 03/07/1994.

- SHIRTS, Matthew. O Brasil é uma festa. *Estadão*, 09/06/1998.
- _____. Um ET em Marselha. *Estadão*, 25/06/1998.
- TORERO, José Roberto. O jogo que será a luta do século. *Folha de S. Paulo*, 07/07/1998.
- VERISSIMO, Luis Fernando. Pensando bem. *Jornal do Brasil*, 19/06/1998.
- _____. Meu coração. *Jornal do Brasil*, 04/07/1998.
- _____. Quase perfeita. *Jornal do Brasil*, 08/07/1998.
- XEXÉO, Arthur. Sábado à noite no Coste. *Jornal do Brasil*, 22/06/1998.
- _____. O dossiê Guilherme. *Jornal do Brasil*, 02/07/1998.
- _____. Procura-se uma torcida. *Jornal do Brasil*, 10/07/1998.
- _____. Os números da Copa. *Jornal do Brasil*, 13/07/1998.

Recebido em 24.09.2013

Aceito em 25.11.2013